

Origens, Estruturação e Destinos do Complexo de Édipo na Relação entre Pai e Filho

Artigo

Marco Aurélio Crespo Albuquerque

Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e membro da International Psychoanalytical Association.

Resumo: Neste trabalho são estudados alguns aspectos peculiares da relação edipiana entre pai e filho, como são encontrados na clínica. Tomando como partida a rivalidade presente no complexo de Édipo, é feita uma distinção entre as diferentes origens, as formas de estruturação e os diferentes destinos da rivalidade com o pai. Propõe-se que há pais e filhos em cuja relação edipiana predomina a agressividade e a rivalidade, há por outro lado, relações entre pais e filhos onde predomina o ódio e a inimizade. É proposto que não só a expressão, mas a origem, o desenvolvimento e o destino do complexo de Édipo apresentam diferenças em cada caso. Busca-se uma explicação teórica para estas diferenças, assinalando a importância da relação inicial com a mãe e as consequências de suas vicissitudes para o complexo de Édipo, passando pelo papel do pai e chegando finalmente às diferentes formas de evolução e destino do complexo edipiano no menino, de acordo com as vivências anteriores com estes objetos.

Palavras-chave: Complexo de Édipo. Desenvolvimento. Ódio.

1 Introdução

Apesar das inúmeras referências a ele ao longo de sua obra¹, e de sua importância crucial para a teoria e a prática psicanalítica, Laplanche e Pontalis (LAPLANCHE, 1992) assinalam que Freud nunca chegou a apresentar uma exposição sistematizada do complexo de Édipo. Na origem do complexo, em sua forma positiva, estava o sentimento ambivalente nutrido pelo filho(a) em relação ao genitor do sexo oposto, como na tra-

¹ A primeira destas referências em 1897, em suas cartas a Fliess (cartas 70 a 74).

gédia grega. Quanto aos destinos finais do Édipo, ele assinalou apenas um, a sua dissolução para a entrada na latência e o surgimento do superego como seu herdeiro (FREUD, 1925).

Para Freud, o complexo de Édipo era a culminância de uma evolução psicobiológica na qual a libido, que era oral a princípio, evoluía progressivamente até a fase genital, atingida por volta de três a cinco anos de idade, onde se instalava a estrutura edipiana, que depois se dissolvia – também como parte da evolução psicobiológica – e passava a fazer parte da personalidade, integrada ao superego. Desde os trabalhos de Klein, a partir do tratamento psicanalítico de crianças, e sua descoberta da presença do complexo de Édipo em crianças muito pequenas, essa ideia, a princípio cronológica e psicobiologicamente estruturada, vem sendo revisada e ampliada por inúmeros autores.

As novas ideias que foram se agregando às de Freud ao longo da evolução teórica e técnica da psicanálise, permitem hoje ampliar nossa compreensão sobre as origens, a estruturação e os destinos do Édipo. Por exemplo, o termo “destino” parece mais abrangente e atual do que os termos “dissolução”, “destruição” e “abolição” do complexo de Édipo, utilizados antes (FREUD, 1924), por não ser mais possível pensar que este desapareça por completo, mesmo em casos ideais, e que sua persistência se dê apenas por uma falha na repressão que o mantenha pelo resto da vida, de forma patogênica. Na realidade, a estrutura edipiana, ao invés de se dissolver, permanece amalgamada para sempre em nossa identidade e em nossas relações de objeto, permeando toda a nossa maneira de organizar a experiência emocional e as nossas relações objetais.

Obviamente, a influência do complexo de Édipo sobre a estruturação da personalidade, suas consequências sobre nossa vida mental e de relações, e seu impacto na clínica, tem sido amplamente estudada, e se deve a muitos fatores e variáveis, impossíveis de revisar e pormenorizar aqui pois fogem ao objetivo do presente trabalho².

² Para uma visão dentro de um referencial kleiniano e pós-kleiniano vide, por exemplo, o livro *O Complexo de Édipo Hoje – Implicações Clínicas*, de Britton, Feldman e O'Shaughnessy (org. por John Steiner), Artes Médicas, 1992; entre tantos outros.

Tomando por base especificamente a relação entre pai e filho, podemos citar, por parte do pai, entre outros fatores, sua experiência de ter sido filho, o nível de maturidade emocional alcançado por ele na época em que se tornou pai, o filho ainda não nascido mas já presente (ou não) como ideia e desejo em sua mente, suas experiências e fantasias como futuro pai durante o período pré-natal, as relações entre pai e filho nos primeiros anos de vida, adolescência e vida adulta. Por parte do filho, podemos citar sua constituição inata, sua evolução psicológica desde a relação dual com a mãe, as ansiedades arcaicas decorrentes desta relação, a participação de um terceiro na relação e sua reação a isso, seu relacionamento com o pai nos primeiros anos de vida, as possibilidades de ter o pai como um modelo identificatório, e assim por diante.

Portanto, pais e filhos têm, em realidade e em fantasia, uma longa história juntos, com todos os percalços e realizações próprias da história das relações humanas, e que, felizmente, na grande maioria das vezes, não termina no parricídio edípico, ou no filicídio. Há relações de pais e filhos onde, apesar de todas as ambivalências e dificuldades de uma construção tão delicada e difícil, ainda predominam de parte a parte o amor e as pulsões de vida, expressas numa situação de rivalidade construtiva e possibilitadora de uma boa estruturação da personalidade, abrindo acesso à genitalidade e a uma identidade masculina bem construída.

Tendo em mente este contexto evolutivo favorável da dupla pai-filho, gostaria, porém, de examinar um outro ângulo do complexo edípico, como ele se apresenta numa situação frequentemente encontrada na clínica – quando o conflito edípico assume a forma de uma relação de ódio muito intenso e, por vezes, irreparável e intransponível entre pai e filho. Nesta predomina o ódio, expresso numa situação onde a rivalidade extrapola seus limites aceitáveis, transformando-se em inimizade destrutiva, impossibilitando uma estruturação equilibrada da personalidade, criando dificuldades muito grandes à vida de relação, cujo limite extremo pode chegar a ser, concretamente, o filicídio ou o parricídio da tragédia grega ou de nossas páginas policiais. Acredito que esta situação ultrapassa em muito a forma da mera rivalidade benigna sugerida por Freud e, no entanto, talvez seja até mais fiel ao Édipo original da tragédia grega.

Evidentemente, as relações entre pai e filho nas quais a marca predominante é o ódio, e não uma simples rivalidade, são bem conhecidas por todos, portanto não descrevo aqui nenhum achado teórico ou clínico inédito, senão que gostaria de investigar psicanaliticamente a dinâmica das origens, formas de estruturação e as consequências dessa situação mais extrema, para marcar suas diferenças com a forma menos extremada e violenta de estruturação do complexo de Édipo masculino. Acredito que esta discriminação entre apresentações diferentes do complexo de Édipo seja clinicamente importante, em termos de manejo, evolução e prognóstico do tratamento.

Embora não pretenda propor a existência de dois tipos diferentes de complexo de Édipo, acredito que, do ponto de vista da estruturação psíquica inicial, das relações de objeto daí constituídas e seus resultados na convivência dessa dupla, sejam situações estruturalmente diferentes, que exigem, portanto, compreensões e manejos técnicos diferenciados.

Pensando desse modo, a encruzilhada tebana onde Édipo e Laio se encontram nos apresenta então algumas novas questões: onde se iniciam as diferenças na origem e estruturação do complexo de Édipo, apontando para estes destinos diversos? O que as produz? Como se estruturam estas diferenças na vida adulta? Quais suas consequências?

2 Complexo de Édipo e rivalidade edipiana: questões preliminares

Na definição de Laplanche e Pontalis o Édipo é um:

[...] conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo Rei: desejo da morte do rival que é o personagem do mesmo sexo e desejo sexual pelo personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, estas duas formas encontram-se sempre presentes em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. (1992, p. 77).

Reafirmam eles que “o complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano” (p. 77). Desejo ressaltar, e por isso grifei na definição acima, o emprego do termo “rival” e, posteriormente, “ódio ciumento”.

Apenas por uma questão de clareza conceitual, é preciso antes de continuar, discriminar e delimitar um pouco melhor a diferença que sinalizo acima, entre rival e inimigo, entre rivalidade e inimizade. Conforme o Dicionário Aurélio, rival é:

[Do lat. rivale.] Adj. 2 g. 1. Que rivaliza. 2. V. êmulo (1). 3. P. ext. Que deseja as mesmas posições ou vantagens que outrem. 4. Restr. Pessoa que disputa o amor de outra. 5. Que equivale a outro em merecimento: escritores rivais. S. 2 g. 6. Pessoa rival.

Já inimigo é:

[Do lat. inimicu.] Adj. 1. Hostil, adverso, contrário: pessoas inimigas. 2. De, ou pertencente a grupo, facção ou partido oposto; hostil: tropas inimigas. 3. Que prejudica, ou causa dano; nocivo. [Superl. abs. sint.: inimicíssimo.] S. m. 4. Aquele que odeia ou detesta alguém ou algo. 5. Grupo, facção ou partido hostil. 6. P. ext. Membro ou unidade de grupo, facção ou partido dessa natureza. 7. Coisa prejudicial, nociva, destrutiva: O álcool é grande inimigo do homem. 8. V. diabo (2).

Olhando mais de perto ambos os verbetes vemos primeiramente que ambos são adjetivos, isto é, conferem qualidades ao sujeito da oração. Como se pode ver estas qualidades guardam algumas semelhanças na questão da competição e disputa, mas são bem diferentes em essência. Ambos os verbetes se referem à relação interpessoal, da posição de um sujeito em relação ao objeto de seu afeto. Dentro do tema e do interesse deste trabalho chamo especialmente a atenção para a definição de rival como aquele que disputa o amor de outra pessoa³, enquanto que inimigo é aquele que odeia ou detesta alguém ou algo⁴, e não necessariamente por uma disputa amorosa. Outra diferença, fundamental a meu ver, é

³ Algo mais genital, mais triangular e edípico. É o amor que está em disputa, aqui vale o amor ao objeto.

⁴ Algo mais oral e anal, mais diádico e pré-genital, mais centrado na inveja e na agressividade destrutiva. Aqui vale o ódio ao objeto.

que o caráter nocivo e destrutivo das ações empreendidas por uma pessoa em relação à outra parece ficar restrito ao verbete *inimigo*. Além disso, enquanto o rival deseja as mesmas posições e vantagens do outro (filho que deseja a posição do pai junto à mãe, por exemplo), sem fazer menção explícita ou implícita à subtração destas vantagens ao outro, ou a se colocar, necessariamente, em campos radicalmente opostos, o inimigo, pela própria definição dada, se coloca num campo ou grupo oposto e busca, por causa do ódio ao outro, causar dano e destruição como *intenção prioritária*. No primeiro verbete predomina a emulação, a competição “construtiva”, estruturante, enquanto no segundo predomina o ataque destrutivo e o dano, a desestruturação.

Ainda segundo o Dicionário Aurélio, rivalidade é: “[Do lat. rivalitate.] S. f. 1. Qualidade de rival, ou de quem rivaliza; competição, emulação. 2. Oposição, luta, conflito, competência. 3. Zelos amorosos; ciúmes”.

Já inimizade é:

[Do lat. vulg. *inimicitate.] S. f. 1. Falta de amizade; aversão, malquerença. [Sin. p. us.: inimicícia.]. Rivalidade é um verbete muito mais rico em significados, que se define mais pela presença (da competição, da emulação, dos zelos amorosos, dos ciúmes) do que pela ausência (de amizade).

Portanto, na rivalidade edípiana que chamei antes de mais favorável, o ódio e os sentimentos hostis entre pai e filho estão naturalmente presentes, mas podem ser mitigados e modificados pelo amor, enquanto que, numa situação de inimizade destrutiva, o ódio predomina sem ser amenizado pelo amor. A rivalidade, nesta forma de estruturação, é, portanto, sempre ambivalente, o objeto odiado é também um objeto que pode ser admirado, a vitória sobre ele, e não a sua destruição enquanto objeto, é a meta final da rivalidade; na inimizade, ao contrário, há pouco lugar para ambivalência, o objeto pode ser idealizado mas não admirado, é antes odiado e invejado destrutivamente, sendo que a destruição do objeto é a meta final desejada. Como consequência desta última forma de estruturação iremos encontrar, na clínica, aspectos das relações entre pai e filho em que predomina o ódio de um contra o outro, ou ódio mútuo, com resultados, a meu ver, bem diferentes e não raro desastrosos para a evolução pessoal, ou mesmo do tratamento.

Voltando à questão da origem das diferenças: num tipo de estruturação do Édipo, o filho, movido pelo desejo de ter a mãe só para si, é *rival* do pai, mas um rival leal, que respeita o pai e sua posição adulta no casal parental (base para aceitação da interdição ao incesto). Enquanto admira ambivalentemente o oponente, tenta vencê-lo *por amor* à mãe, necessitando para isso incorporar, através de um processo identificatório, a potência do pai, ganhando assim o acesso à genitalidade (aquisição psíquica que se dá pela via da identificação com o pai, não necessariamente equivalente à genitalidade biológica) e a uma identidade masculina bem formada. Esta identificação com o pai e sua potência, quando está fundamentada no predomínio dos aspectos amorosos, leva à situação de rivalidade e à possibilidade de um melhor destino para a luta edípiana. Retornando à metáfora da encruzilhada tebana poderíamos dizer que, após algumas escaramuças e bate-bocas raivosos de parte a parte, ambos sobrevivem ao encontro na encruzilhada e passam por ela, seguindo então seus diferentes caminhos, como rivais ou adversários que se respeitam mutuamente.

No entanto, sugiro que existe uma outra forma de estruturação do Édipo, que contribui para tornar o filho *inimigo* do pai, a quem teme mas não respeita nem admira genuinamente, tenta vencê-lo pelo ódio que lhe nutre e não necessariamente pelo amor que devota à mãe. Tendo uma relação mais precária com a mãe, como veremos adiante, luta pela *posse* dela enquanto objeto idealizado e necessitado de ser vitalmente preservado de um inimigo ameaçador, que pode roubar um objeto fundamental para seu psiquismo. Então, para preservar esta mãe idealizada e ligar-se onipotentemente a ela, o filho busca ter a potência que lhe falta às custas da retirada da potência do pai, que precisa ser conquistada ou destruída através de inúmeras formas de ataque a ele, e não pela via da identificação com ele. Isto bloqueia seu crescimento e impede o acesso à genitalidade e à maturidade, porque a via da identificação amorosa com o pai, enquanto objeto disponível para uma identificação positiva, está contaminada ou mesmo permanentemente bloqueada pelo ódio.

Há um ataque ao pai interno, tomado como um objeto do ego a ser desvalorizado, atacado e destruído como um verdadeiro inimigo, levando a uma condição paranoide e melancólica, ou homossexual, mas, eventualmente, este ataque pode ser feito concretamente ao pai externo, chegando ao extremo do parricídio.

Pode-se pensar no primeiro tipo descrito acima como uma configuração edipiana em que predomina a ambivalência entre o ódio e o amor, carregado de ódio ciumento (ou ciúme amoroso?), caracterizando uma situação triangular edipiana bem constituída e construtiva em seu caminho para alcançar a genitalidade e a maturidade emocional. Já o segundo tipo descrito constitui uma configuração edipiana mais primitiva e destrutiva, em que o ódio e o ciúme invejoso predominam ao lado de ansiedades mais persecutórias, resultando, portanto, numa situação com uma triangulação falha ou defeituosa.

Estas configurações assim postas representam aspectos contraditórios, mas não estáticos ou excludentes, da relação entre pai e filho. A relação entre estes aspectos deve ser entendida como dinâmica, em termos de predominância e não de exclusão, variando de acordo com a constituição inata, o ambiente familiar, os traumas precoces e com as complexidades da vida de relação próprias daqueles indivíduos num dado momento.

3 Estágios iniciais do desenvolvimento emocional primitivo, a relação com a mãe e com o pai na estruturação e nos destinos do Édipo

Em Édipo Rei percebe-se logo que Jocasta tem participação decisiva desde o início, primeiro como a mãe filicida que abandona o filho à morte, e depois como a mãe que se oferece sexualmente ao filho que, numa desmentida da realidade, alegadamente não reconhece, apesar da previsão do oráculo e de todas as evidências sugestivas de que aquele fosse o filho abandonado por ela. Portanto, ela não pode mais ser vista de forma simplista, como o recipiente passivo de um desejo incestuoso do filho, mas como aquela que primeiro abandona o filho e o deixa para a morte física, e depois ativamente o seduz, atraindo-o para a morte psíquica, representada posteriormente na cegueira e na desgraça, expiação⁵ para o assassinato e o incesto cometidos. Ela é uma mãe que dá à luz a um filho, mas depois lhe nega a vida emocional plena, não em um mas em dois momentos diferentes.

⁵ Expiação persecutória, própria da posição esquizo-paranoide, em contraposição à reparação depressiva, própria da posição depressiva.

Na tragédia grega, vê-se claramente este aspecto diádico do complexo de Édipo, onde a mãe pode ser ao mesmo tempo objeto de Eros e instrumento de Tânatos, matando psíquica e sexualmente o filho, pela via do abandono e da sedução. Ele tem sua vida poupada, ao contrário dos outros dois personagens do triângulo, mas ninguém pode duvidar que ele esteja morto por dentro com a consumação da tragédia. E bem sabemos, da experiência clínica, como muitos de nossos pacientes trazem profundamente marcada dentro de si esta dimensão trágica da existência, e são por ela influenciados no resto de suas vidas. O conhecimento empírico revela que todos os filhos homens que tiveram relações sexuais com suas mães, sofreram surtos psicóticos posteriormente.

A partir de evidências clínicas oriundas do trabalho com crianças pequenas, Melanie Klein (1996a) percebeu que a conflitiva edípica começava numa etapa da vida anterior àquela descrita por Freud, e afirmou que as ansiedades mais arcaicas, ligadas às fases oral sádica e anal sádica, influenciavam grandemente os rumos que o Édipo iria tomar mais tarde, no complicado e difícil acesso à genitalidade e à maturidade psíquica. Posteriormente, em 1945 (1996b), ela assinalou a participação e o predomínio dos impulsos amorosos, ligados à posição depressiva, como parte desta estruturação e do acesso à genitalidade.

Klein considerava que o grau de genitalidade atingido dependeria então da possibilidade de tolerar as frustrações orais e anais da relação com a mãe, que se somaria ao medo da castração paterna. Essas fixações, orais e anais, iriam também aumentar a rigidez e o sadismo do superego, que para ela estaria em formação, junto com o complexo edípiano. O resultado que me interessa assinalar aqui é que a quantidade e a intensidade das fixações agressivas do menino na relação com a mãe influenciará as relações não apenas com ela, mas com o pai nas situações de rivalidade, com maior ou menor quantidade de ódio mesclado a essa disputa. Em outras palavras, a qualidade da relação com a mãe, mais do que ser importante, é fundamental, para a forma como o menino vai enfrentar posteriormente a rivalidade com o pai, se com mais reservas de amor ou mais reservas de ódio dentro de si.

Sendo assim, onde houve ou predominou no início uma relação mãe-bebê satisfatória (à maneira de Bion e a mãe continente, Winnicott e a mãe suficientemente boa), pode-se esperar, pelo menos, a existência de

boas condições para uma estruturação edipiana adequada com a presença do pai na relação, independente de quando esta ocorra. Consequentemente, numa relação mãe-bebê problemática (seja por razões da mãe, do próprio bebê ou da dupla), se não houve a experiência da adequada e necessária continência da identificação projetiva das ansiedades do filho, a estruturação do complexo de Édipo levará a marca destas falhas, resultando numa situação de predomínio das ansiedades primitivas não mitigadas e dos aspectos destrutivos não atenuados. Sem uma boa relação diádica com a mãe, na qual tenham prevalecido os aspectos amorosos, transformadores e reparadores da continência materna, as ansiedades persecutórias e o ódio da criança se tornariam mais intensos, minando o terreno para a posterior relação triádica do complexo de Édipo, já na sua origem.

Desta forma, os estados mentais da mãe vão ser de grande importância na estruturação e na organização do complexo de Édipo de seu filho. Por exemplo, uma mãe cuja sexualidade e feminilidade estão mal resolvidas, com seu próprio complexo de Édipo mal estruturado, uma mãe deprimida, identificada com objetos mortos dentro de si, ou uma mãe excessivamente narcisista e emocionalmente inacessível, pode propiciar o surgimento de grandes dificuldades para o filho enfrentar o Édipo, em condições de rivalidade, e não de inimizade com o pai.

Pelo vértice paterno, a propósito da relação precoce entre pai e filho, estudos (BURGNER, 1985) evidenciam o estabelecimento de uma relação diferenciada do bebê como o pai desde o primeiro ano de vida. Esta identificação primária do filho com o pai estabelece as bases de uma boa relação pai-bebê para os embates edipianos vindouros, baseados na rivalidade ambivalente. Na impossibilidade ou fracasso do estabelecimento dessa relação, o complexo de Édipo não terá obviamente a mesma estruturação e destino. Isto equivale a dizer que o pai é importante como objeto estruturante para o bebê antes mesmo do estabelecimento pleno da situação triangular edipiana descrita por Freud, aproximando-se à ideia de Melanie Klein sobre um complexo edípico mais precoce. Este pai, como objeto primordial, oferece através de seus cuidados em relação à mulher grávida, apoio na gestação, e depois possibilita a plena dedicação desta ao seu bebê no período do pós-parto imediato, e nos primeiros meses de vida.

Além disso, sua maneira de falar, tocar e brincar com o bebê são diferentes das maneiras mais suaves e delicadas da mãe, dando uma noção muito precoce, inclusive sensorialmente, das diferenças, e de reconhecimento do outro, do diferente (do masculino), desde muito cedo.

Da mesma forma que acontece com a mãe, os estados mentais do pai em relação a si próprio, à paternidade e ao filho interferem significativamente nesta estruturação. Um pai que não avançou em relação à própria maturidade, que não pôde ter ou dar um destino melhor à relação com seu próprio pai, ou que tem pelo filho um ódio ou uma indiferença motivados por suas pautas internas mal resolvidas, é um obstáculo ao desenvolvimento da rivalidade edípiana, pelo predomínio na relação dos aspectos não elaborados de seu próprio Édipo. Este pai dificilmente irá tolerar o pleno desenvolvimento do filho, e passará – numa inversão de papéis – a vê-lo como um inimigo a ser vencido na luta pela posse da mãe-mulher já desde a gestação. Uma das consequências possíveis, e comumente vistas, é que a mulher grávida, nada apoiada ou mesmo agredida pelo marido durante a gestação, desenvolva uma depressão pós-parto, tornando-se assim indisponível afetivamente para o filho, com as repercussões danosas que se conhece para o bebê e para ela própria.

Questões como as assinaladas acima estão presentes na descrição que Steiner (1996) faz das fontes de ressentimento no complexo de Édipo, presente em pacientes com organizações narcisistas em sua personalidade. Ele acredita que um fator importante a manter em tais organizações narcisistas é a existência de um ressentimento, alguma situação traumática na qual o paciente se sentiu injuriado ou injustiçado em seu passado. O autor expõe que estes ressentimentos formam um foco em torno do qual um refúgio psíquico se organiza, e que muitos destes focos traumáticos estariam ligados a feridas narcísicas oriundas do conflito edípico, sendo que a intromissão da figura paterna na relação diádica mãe-filho seria sentida como uma ofensa profunda e inesquecível. Estas ofensas interagem com as fontes pré-edípicas de ressentimento oriundas da relação diádica mãe-filho. O filho, então, se submeteria ao temor de castração, porém permaneceria com um profundo senso de injustiça, que posteriormente vai abastecer seus desejos de vingança. Ele sente que precisa abandonar seus desejos incestuosos por causa da autoridade cruel do pai, mas não reconhece justiça nessa situação. Steiner conclui dizendo que, em sua visão, a descrição da dissolução do complexo de

Édipo não leva a uma resolução verdadeira, mas a um refúgio psíquico baseado numa crença de injustiça, uma espécie de solução paranoide do complexo de Édipo. Em contraponto a esta forma de solução, ele aponta para uma solução depressiva quando o filho pode se rebelar contra a figura paterna e atuar sua vingança na fantasia e, de forma moderada, nos seus relacionamentos atuais, e no tratamento analítico. Um elemento da realidade capaz de ajudar nesta mudança é o reconhecimento do relacionamento real entre os pais, o reconhecimento da preferência da mãe por este como parceiro sexual. Isto poderá trazer, primeiramente, um ataque contra o casal parental, ambos então sentidos como traidores, para posteriormente – através da culpa depressiva pelos ataques feitos – reconhecê-los como um casal amoroso e protetor.

Por isso é necessário ressaltar que o papel conjunto do casal mãe e pai é de fundamental importância no destino edípiano do filho como participantes plenos do triângulo. Este papel do casal parental já estava presente na tragédia grega, uma vez que nesta *ambos*, de comum acordo, resolveram matá-lo. Havia uma atitude de repúdio ao filho por parte do casal, alegadamente pelo oráculo recebido (que cometeria parricídio e incesto). Este repúdio filicida dos pais – pois na verdade não desejavam um terceiro na relação⁶ – seria o desencadeante fundamental dos trágicos acontecimentos posteriores.

Dependendo então de cada um destes fatores, ou da sua combinação, bem como de outros fatores intervenientes, inatos e do ambiente, a estruturação do complexo de Édipo e seus destinos estarão modificados substancialmente em relação à descrição inicial de Freud.

4 Sobre o papel do instinto de morte e da inveja na estruturação do Complexo de Édipo

Na forma de origem e estruturação do complexo de Édipo que estou descrevendo, sugiro que é a destrutividade, e não a rivalidade agressiva, que tem papel central, e acredito que para melhor compreender a destrutivi-

⁶ Aliás, a escolha de Laio e Jocasta de se livrar do bebê, pode ser compreendida como uma fuga e uma recusa da evolução edípiana neles mesmos, permanecendo ambos fechados numa relação narcisista diádica, fantasiosamente completa e perfeita, onde a entrada de um terceiro era sentida como ameaça e ataque, não como acréscimo.

dade humana é preciso lançar mão do conceito freudiano de instinto de morte. Este continua sendo um tema controverso, e ainda hoje não é aceito por todos os analistas. No entanto tomando por princípio que ele exista, talvez fosse interessante poder situá-lo em relação ao complexo de Édipo, no qual ele toma parte, em maior ou menor grau.

Em termos cronológicos, a descrição de Freud do instinto de morte (FREUD, 1920), em *Além do Princípio do Prazer*, é posterior à sua descrição do complexo de Édipo, e portanto ele não chegou a articular as implicações da presença, ou as consequências, do instinto de morte na suas primeiras descrições deste. Mais tarde, quando poderia articular estes dois pontos de sua obra, ele não o fez, abrindo assim espaço para desenvolvimentos posteriores. Para ele, o instinto de morte se contrapõe ao instinto de vida, e é voltado inicialmente para o interior, tendendo à autodestruição e, quando secundariamente dirigido para o exterior, manifesta-se sob a forma de agressão ou destruição.

Freud resistiu muito a aceitar a natureza dualista dos instintos e a existência de um instinto de morte. No início, a considerava uma especulação teórica, mas progressivamente foi se convencendo de sua existência e de sua importância na prática, à medida que os fatos clínicos assim a evidenciavam. Embora mais tarde (FREUD, 1930) dissesse que sua hipótese (sobre instinto de morte) era essencialmente teórica, isto é, não se baseava em fatos clínicos, em *Análise Terminável e Interminável* (FREUD, 1937), já afirmava que a clínica confirmava amplamente sua teoria de uma forma que não podia mais ser refutada.

Para os autores kleinianos e pós kleinianos, instinto de morte possui manifestações clínicas profundas e visíveis, entre as quais estão a inveja e a destrutividade. Hinshelwood (1992, p. 446) assinala que:

A pulsão de morte acha-se normalmente em estado de fusão com a libido e as pulsões de vida, e a saúde implica que, nesta fusão, as pulsões de vida tenham ascendência. Em estado de des fusão... ou quando a fusão se acha sob a égide da pulsão de morte, em vez das pulsões de vida, o funcionamento da pulsão de morte se torna aparente (organizações patológicas, masoquismo e outras perversões).

Mas, se concordarmos então que o instinto de morte existe sempre, como situá-lo nas origens, na estruturação e no destino do complexo de Édipo? Qual o papel da destrutividade e da inveja nele? Retomando as ideias de Freud, da fusão daquele com a libido e as pulsões vitais, se estas predominam, o fluxo psíquico que deságua no Édipo segue seu curso, com as vicissitudes habituais de dor e renúncia à mãe, por amor a ela e ao pai, preservando-os enquanto objetos internos necessários e valorizados. A relação com o pai não perde seus aspectos de agressividade e rivalidade, porém dentro de limites essencialmente não destrutivos, permitindo assim o crescimento e a evolução mental.

Por outro lado, quando instintos de vida e de morte em estado de fusão se acham sob o domínio do instinto de morte, ou quando há uma certa desfusão e este predomina, as origens, a estruturação e os destinos do Édipo devem seguir também um curso diferente, mais entremeado de ódio e violência primitiva, sem a capacidade de renúncia à mãe, pelas vicissitudes na relação com ela e pelo ressentimento e ódio concomitante ao pai.

Este predomínio da violência e da destrutividade se manifesta edipicamente na inimizade ao pai, no ódio parricida e no desejo de eliminar a este como um inimigo concreto. Nos pacientes com funcionamento mental mais primitivo, isso é feito mediante uma atuação concreta na realidade, por meio do assassinato real, mas naqueles cujo funcionamento não é tão primitivo, isto pode se manifestar de diferentes formas, especialmente as centradas na auto e hetero agressão, na busca de destruir o pai como objeto dentro e fora de si, como veremos no material clínico mais adiante.

Quanto à inveja, podemos também reconhecê-la em atividade nesta outra configuração do Édipo. Se a relação com a mãe já vem deficitária, o resultado é que, isso será levado para a situação triangular, na forma de inveja do pai e de seus atributos, bem como a inveja do casal parental. Curiosamente, nestas situações onde as vicissitudes da dupla mãe-bebê foram muito grandes, a luta com o pai parece ser na verdade uma luta para continuar a ter a mãe, ou voltar para ela, de uma maneira diádica, ou seja, para tentar refazer com a mãe aquilo que não correu bem na relação.

Dito de outra forma: quanto mais regressivo e intenso é o desejo pela mãe, mais odiado é o pai, por se interpor nesse caminho. Se há a presença do pai, interpondo-se e indo contra esta fantasia, isto aguça o sentimento de nunca mais recuperar aquilo que faltou na relação com a mãe, podendo tornar-se mais um dos motivos do violento ódio ao pai.

Podemos inferir portanto, como uma hipótese válida, que o instinto de morte deveria estar presente no complexo de Édipo assim como em qualquer outra organização mental, num estado de maior ou menor fusão com os instintos de vida. A questão central aqui não é sua existência, que teoricamente pode se dar por garantida, mas a sua predominância ou não sobre estes últimos. Se houver uma predominância do instinto de morte, o Édipo será certamente afetado por esta, em suas origens, desenvolvimento e destinos, diferentes daqueles onde houvesse o predomínio dos instintos de vida. A inimizade destrutiva pelo pai será a tônica dominante, com as consequências que veremos a seguir.

5 Consequências do complexo de Édipo baseado no ódio e no instinto de morte: um exemplo clínico⁷

Geovani é um homem de cerca de 40 anos. Quando seu pai, em fase terminal de uma doença bastante grave, lhe pediu para que ficasse em casa, pois não estava se sentindo bem, ele não lhe deu ouvidos, viajando para outra cidade. Ao voltar, como seu pai tivesse piorado bastante, havia sido chamada uma ambulância para levá-lo a um hospital. Apesar de ser um rapaz forte, recusou-se a levar o pai no colo até a ambulância, dizendo com desprezo que, se dependesse dele, queria mesmo que o pai morresse, o que ocorreu menos de uma hora depois. Geovani tinha então por volta de 20 anos de idade, e não sentiu a menor culpa, expressando grande alívio com a morte do pai, e acrescentando que não perdeu uma noite de sono por causa disso. Ao contrário, seu pior pesadelo é quando sonha que o pai está vivo. Nessas ocasiões acorda banhado em suor e muito ansioso.

⁷ Um agradecimento especial à psicóloga Gecelda A. Nunes da Silva, pela cedência do material clínico, proveniente de supervisão.

Ele e o pai nunca foram próximos. O pai não queria que Geovani tivesse nascido e embora o tenha registrado com seu sobrenome no cartório, parece nunca tê-lo registrado afetivamente como filho em seu mundo interno. Sua visão sobre o pai é de que este foi um homem duro, distante, severo, rígido e punitivo, por vezes muito agressivo e sádico, e que sua relação com ele era mediada apenas pelo dinheiro que deste necessitava, mais nada. O pai bebia bastante e, quando alcoolizado, maltratava sadicamente Geovani, o que o deixava com muita raiva e uma sensação de completa impotência e desamparo diante deste pai. Por outro lado, tinha ciúmes ao ver o pai conversando longa e amistosamente com seu irmão mais velho, o que aumentava seu sentimento de exclusão de uma relação amorosa com o pai.

Em resposta ao tratamento que sentia receber do pai, uma figura importante do meio jurídico de sua cidade, atacava-o violentamente no aspecto em que sabia que poder despertar mais intensamente sua raiva: desrespeitando e violando toda e qualquer forma de lei, com atos delituosos variados e destrutivos, péssimo desempenho escolar, com diversas repetências e expulsões de boas escolas, por mau comportamento. Aos 10 anos de idade já roubava o carro da família e o dirigia, causando acidentes de trânsito em que o carro invariavelmente acabava destruído. Na adolescência, apresentava um comportamento marcadamente antissocial, com diversas prisões por várias razões diferentes (dirigir sem habilitação, em excesso de velocidade, causar acidentes de trânsito com vítimas, disparar tiros de arma de fogo contra prédios, andar armado sem porte de arma etc.). Nenhuma destas prisões acarretava qualquer punição para ele, uma vez que seu pai, pelo cargo e influência que tinha, o livrava na delegacia dos rigores da lei, embora, em casa, posteriormente, o sentenciasse pesadamente, juiz e carrasco ao mesmo tempo, o que só fazia seu ódio por ele aumentar.

Com esse comportamento, visava expor o pai a situações vexatórias diante da sociedade local, onde era bastante conhecido, humilhando-o e desacreditando-o como homem e como profissional. Sentiu-se completamente submetido ao pai até completar a maioridade, quando então considerou que nada mais devia a este, em termos de explicação para suas condutas.

Certa feita, preparou uma armadilha no alto da escada de casa, de forma que o pai tropeçasse e morresse pela queda, porém o truque não funcionou a contento, e ele não tentou novamente de forma tão direta, até a omissão de socorro no episódio da ambulância.

Com a mãe, uma mulher mentalmente perturbada por um transtorno de humor, a relação também nunca foi boa, embora esta tentasse compensar a severidade do pai e sua própria frieza para com o filho com uma indulgência excessiva, o que só contribuiu para a enorme falta de limites, internos e externos, na vida de Geovani. Além da falta de limites, não parece ter adquirido uma figura interna continente, que fosse calmante e protetora, a qual pudesse recorrer quando ansioso. Em consequência disso, sempre foi vítima de uma violenta ansiedade de separação, que o ameaçava de desintegração psíquica, quando faltavam objetos externos que acalmassem suas ansiedades mais intensas.

Mora até hoje com sua mãe, embora a relação entre eles seja fria e distante, ocorrendo ocasiões em que nem se falam ou se cumprimentam no dia a dia. Não depende dela para seu sustento econômico, vivendo de rendimentos deixados para ele por um outro parente, já falecido, e não exerce nem nunca exerceu qualquer atividade remunerada. Embora na casa dos 40 anos, vive como um eterno bebê instável e irascível, com a firme ideia de nunca assumir responsabilidades na vida ou sequer mesmo ficar velho.

Busca compulsivamente nas namoradas uma figura materna idealizada que solucione as falhas da relação com a mãe (só namora garotas com metade de sua idade e muito bonitas, sendo que todas têm que ter sempre a mesma altura e cor de cabelos, com o mesmo tipo físico de sua mãe), mas briga muito com elas, pois nunca o satisfazem da forma que esperava. Quando termina um relacionamento, não consegue ficar um dia sequer sem namorada, e empreende uma busca desesperada até encontrar outra com as mesmas características, revelando uma intolerância à separação e à frustração muito grande. Um dos problemas que enfrenta com as namoradas é que estas desejam casar e ter filhos, porém ele não deseja ser pai em hipótese alguma, pois tem uma profunda aversão a crianças, não tolerando sequer ficar próximo de uma.

Uma das razões para detestar tanto crianças talvez se deva à aversão a sua própria infância. Era um menino deprimido e ansioso, que chorava muito, aterrorizado por ruídos em seu quarto à noite, onde se sentia preso e solitário (seu quarto era o único na casa que não tinha janelas). Seu relato dessas circunstâncias faz pensar numa criança profundamente melancólica, assaltada por pavores inomináveis, sem janelas em seu mundo interno para ventilá-los, tendo então que projetá-los nos morcegos do sótão, cujos ruídos ouvia aterrorizado. Outra forma de exteriorizar (e exorcizar) seus fantasmas e seu ódio era tendo atitudes violentas, auto e hetero destrutivas, comportamento que persiste até hoje em sua vida adulta.

Por outro lado, a imagem de pai que traz internalizada dentro de si é tão terrível, ameaçadora e odiada que ele não pôde se identificar com um papel de pai amoroso, não se permitindo assim, sequer a ideia de ter filhos, a quem provavelmente sente que iria odiar (assim como seria odiado por eles), repetindo desta maneira uma tragédia familiar já bem conhecida sua. No entanto, ficou bastante identificado e preso aos aspectos cruéis e sádicos deste pai, expressos em seus transtornos de conduta.

Na verdade, ao contrário do que ele pensa, sua relação com o pai não foi mediada só pelo dinheiro, mas, principalmente, pelo ódio mútuo, um ódio tão profundo que deixou marcas indeléveis em Geovani, impedindo seu crescimento como homem, em direção à maturidade emocional, à genitalidade e à opção da paternidade, que poderia lhe permitir, talvez, reparar algo dessa relação tão difícil com o pai. A configuração que resultou desta relação, marcada pelo ódio mútuo, parece ser a marca das relações pai-filho onde predomina o ódio, em vez da rivalidade, na estruturação do conflito edípico.

6 Conclusão

Apesar de já ter ficado evidente ao longo do texto, desejo ressaltar que, obviamente, não estou propondo nenhuma inovação teórica ou técnica a respeito do complexo de Édipo, nem fazendo uma análise exaustiva da literatura a respeito, por si só muito ampla. Proponho, simplesmente, um outro ângulo de visão, fazendo algumas articulações – bem específicas e ajustadas ao propósito do trabalho – com um corpo teórico já por demais

conhecido (complexo de Édipo, pulsão de morte, ansiedades primitivas etc.).

A situação edípiana para o menino, caracterizada pela rivalidade e competição com o pai, quando se dá em bases construtivas, sob a égide das pulsões de vida, abre possibilidades de saúde mental para este.

No entanto, quando os ódios e ressentimentos edípicos preponderam, sob a égide dos instintos de morte e sobre uma base de inveja e destrutividade, o resultado pode ser bem diferente. Como consequência, estes homens podem chegar ao tratamento em meio a quadros de ansiedade e pânico, ou depressões severas, com queixas de fracasso na vida, em seus diversos níveis: fracasso de estabelecer uma identidade masculina bem firmada, fracassos nas relações interpessoais, insatisfações e fracassos nas relações sexuais, insatisfações e fracassos profissionais, atitudes autodestrutivas diretas ou indiretas, mentiras, enganos, manipulações, atuações psicopáticas, etc.

Uma identidade masculina fraca ou vacilante é comum, pelos prejuízos na identificação com a figura paterna, às vezes oculta por um estereótipo de hipermasculinidade confiante e agressiva, porém fracassada em seus objetivos. Assim, a relação com outros homens e com as mulheres fica prejudicada em sua base, tanto nos aspectos amorosos quanto nos agressivos. Um senso deficiente de *self* desenvolve-se e a superficialidade e fragilidade desta estrutura tornam-se evidentes diante da passagem do tempo e de certos percalços e exigências da vida adulta, que é quando o menino começa a fracassar em relação ao homem que deveria ser, e o narcisismo artificialmente inflado se estilhaça. Nesses momentos, podem ocorrer diversos quadros sintomáticos, como ansiedade intensa e sentimentos de pânico, depressões ou até mesmo a eclosão de surtos psicóticos transitórios.

O resultado pode ser também a homossexualidade, tanto no seu estereótipo afeminado quanto no do homossexual com aparência hipermasculina. As relações afetivas ficam assim globalmente prejudicadas, traduzindo-se em relações superficiais, instáveis, com troca frequente de parceiras(os) ou mesmo promiscuidade, seja hetero ou homossexual.

Profissionalmente, estes pacientes podem estar aquém do que suas capacidades intelectuais permitiriam, com sensação de que escolheram mal a profissão ou fracassando diante das exigências dela. A busca de novos horizontes profissionais às vezes é tentada como fuga desesperada de se enfrentar, com a incapacidade de mudança causada pela rigidez interna. Perdas em investimentos arriscados podem ocorrer, como forma de punição contra os ataques feitos ao pai, ou aos pais, e a falência, interna e externa é um risco. Atuações de cunho antissocial também podem ocorrer, pelo desrespeito às leis paternas deficientemente introjetadas, quando não claramente desprezadas.

Eventualmente, o ódio ao pai nem sempre é aberto ou expresso ostensivamente, podendo estar disfarçado de muitas maneiras. Uma destas pode ser bastante enganadora por se apresentar como uma boa identificação e uma boa relação do filho com um pai idealizado, quando na verdade a proximidade às vezes grande entre ambos expressa na verdade a incapacidade de se desligarem, permanecendo ligados por poderosos vínculos encobertos de ódio e agressividade, ocultos por um falso respeito à autoridade e submissão (O'SCHAUGHNESSY, 1992), mais aparente do que verdadeira.

O complexo de Édipo continua sendo a grande encruzilhada pela qual todos temos que passar em direção à maturidade psíquica. Vários são os empecilhos nessa travessia, assim como vários são os caminhos que levam e partem dela, alguns levando em direção à realização mais plena e adequada de nossas potencialidades humanas, enquanto outros não levam a lugar nenhum, desembocando num deserto de realizações e na sensação de não ter vivido, ou de não ter um sentido para a vida.

A constituição inata do bebê, os estados mentais da mãe e do pai em relação a si próprios, entre si e com seu filho, as relações que este é capaz de estabelecer dentro e fora de si com seus objetos, a predominância dos instintos de vida ou de morte, as situações traumáticas, tudo isso vai influir decididamente em diferentes estruturações e diferentes destinos do Édipo, com as diversas consequências para a vida de relação, em todos os seus níveis.

Origins, Structuration and Destinies of Oedipus Complex in Father-son Relationship

Abstract: This work is about some peculiar aspects from father to son oedipal relationship. A distinction is done, between different origins, structuring and destinies of the rivalry with the father. From a clinical viewpoint there are father to son relationships in which the aggressiveness and rivalry predominates, otherwise there are such relationships between father and son in which hate and enmity predominates. So is proposed that not only the expression, but also the origin, development and destiny of the Oedipus complex is different to each case, and that rivalry and enmity is not the same thing. Exploring this idea the author looks out for a theoretical explanation to this difference, recognizing the importance of the precocious relation with the mother and his vicissitudes to the Oedipus complex, passing through the role of the father and reaching to the different evolution forms and conclusion of the Oedipus complex in the boy.

Keywords: Development. Hatred. Oedipus Complex.

Orígenes, Estructuración y Destinos del Complejo de Edipo en la Relación entre Padre e Hijo

Resumen: En este trabajo se estudian algunos aspectos peculiares de la relación edipiana entre padre e hijo, tal como se presentan en la clínica. Partiendo de la rivalidad presente en el complejo de Edipo, se realiza una distinción entre los distintos orígenes, las formas de estructuración y los distintos destinos de la rivalidad con el padre. Se propone que hay padres e hijos en cuya relación edipiana predomina la agresividad y la rivalidad; hay, por otra parte, relaciones entre padres e hijos donde predomina el odio y la enemistad. Se propone que no sólo la expresión, sino el origen, el desarrollo y el destino del complejo de Edipo presentan diferencias en cada caso. Se busca una explicación teórica para estas diferencias, señalando la importancia de la relación inicial con la madre y las consecuencias de sus vicisitudes para el complejo de Edipo, pasando por el rol del padre y llegando, finalmente, a las distintas formas de evolución y destino del complejo edipiano en el niño, conforme a las vivencias anteriores con estos objetos.

Palabras clave: Complejo de Édipo. Desarrollo. Odio.

Referências

BURGNER, M. The Oedipal Experience: Effects on Development of an Absent Father. *Internatonal Journal of Psychoanalysis*, v. 66, p. 311-320, 1985. Disponível em: <<http://www.pep-web.org/document.php?id=ijp.066.0311a>>.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Eletrônico**. Versão 1.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Ed. std. bras. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XVIII.

_____. (1924). A Dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Ed. std. bras. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX.

_____. (1925). Algumas Consequências Psíquicas Da Distinção Anatômica Entre Os Sexos. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Ed. std. bras. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XVIII.

_____. (1930). O Mal Estar Na Civilização. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Ed. std. bras. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI.

_____. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Ed. std. bras. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII.

HINSHELWOOD R. D. **Dicionário do Pensamento Kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KLEIN, M. Estágios Iniciais do complexo de Édipo. In: _____. **Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos, 1921-1945**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: _____. **Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos, 1921-1945**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário de Psicanálise Laplanche-Pontalis**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

O'SCHAUGHNESSY E. O Complexo de Édipo Invisível. In: STEINER J. (org.) **O Complexo de Édipo Hoje – Implicações Clínicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

STEINER, J. The Aim of Psychoanalysis. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 77, p. 1073, 1996.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Ana Rachel Salgado

Marco Aurélio Crespo Albuquerque
Rua Tobias da Silva, 85/506
90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: marcoalbuquerque@me.com